

Entre narrativas e ensino: experiências de um estágio interdisciplinar

Narratives and teaching: experiences from an interdisciplinary internship

Entre narrativas y enseñanza: experiencias de una pasantía interdisciplinaria

Gabriel Silva¹

Ana Luisa Amorim²

Fernanda Toledo³

Gabriela Custel⁴

Maria Júlia Brito⁵

Ana Cláudia da Rocha Mucci⁶

Adriana Varani⁷

Resumo: No início de 2023, estudantes de licenciaturas distintas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) realizaram estágio em uma escola pública de Campinas - SP e desenvolveram, em parceria com a instituição de ensino, um projeto sobre imagem corporal para o oitavo ano do ensino fundamental. Nessa experiência, os estudantes vivenciaram um processo de aprendizagem com a reflexão sobre a prática pedagógica, a integração de diferentes saberes, em um projeto que respondesse às necessidades dos alunos e a elaboração de narrativas para compartilhar os aprendizados. Assim, neste texto, apresentamos o campo de estágio a partir das narrativas construídas pelos estudantes e destacamos a relevância de narrar-se na licenciatura, compartilhando essas experiências para disseminar tal prática.

Palavras-chave: Estágio em licenciatura; Projeto interdisciplinar; Narrativas.

Abstract: In early 2023, undergraduate students from different programs at the University of Campinas (UNICAMP) completed an internship at a public school in Campinas, São Paulo. In partnership with the school, they developed a project on body image for the eighth grade of elementary school. This experience provided a learning process where they reflected on pedagogical practice, integrated different knowledge to create a project that met the needs of the students, and formulated narratives to share their learnings. Therefore, in this text, we present the internship field as seen through the students' narratives and highlight the relevance of self-narration in undergraduate teaching. We share these experiences to disseminate such practices.

Keywords: Undergraduate teaching internship; Interdisciplinary project; Narratives.

Resumen: A principios de 2023, estudiantes de diferentes carreras de la Universidad Estadual de Campinas (Unicamp) realizaron una pasantía en una escuela pública de Campinas - SP y desarrollaron, en colaboración con la institución educativa, un proyecto sobre imagen corporal para el octavo año de la escuela primaria. En esta experiencia, los estudiantes vivieron un proceso de aprendizaje con la reflexión sobre la práctica pedagógica, la integración de diferentes saberes, en un proyecto que respondió a las necesidades de los estudiantes y la creación de narrativas para compartir aprendizajes. Así, en este texto presentamos el campo de prácticas a partir de las narrativas construidas por los estudiantes y

¹ Universidade Estadual de Campinas

² Universidade Estadual de Campinas

³ Universidade Estadual de Campinas

⁴ Universidade Estadual de Campinas

⁵ Universidade Estadual de Campinas

⁶ Universidade Estadual de Campinas

⁷ Universidade Estadual de Campinas

destacamos la relevancia de narrar durante la carrera, compartiendo estas experiencias para difundir esta práctica.

Palabras clave: Prácticas de grado; Proyecto interdisciplinario; Narrativas.

Introdução

Este texto tem como objetivo compartilhar a experiência de estágio interdisciplinar – realizado durante o primeiro semestre de 2023, na disciplina EL774R “Estágio Supervisionado” da Faculdade de Educação da Unicamp (FE/UNICAMP) –, resultante de um trabalho colaborativo entre estudantes e professoras da universidade. Na Unicamp, os cursos de licenciatura estão vinculados a diferentes institutos, de acordo com cada área de conhecimento, mas todos têm disciplinas em comum ofertadas pela Faculdade de Educação. Dentre elas está a EL774, cuja ementa prevê a inserção dos estudantes no campo profissional, que propicia ao futuro professor o contato com experiências e práticas, tanto na escola quanto em espaços educativos não escolares. Em nossa turma havia a presença de licenciandos em letras, biologia, dança e ciências sociais, configurando um conjunto de áreas diversificado e multidisciplinar. A proposta da disciplina previa o desenvolvimento e a implementação de um projeto interdisciplinar, realizado a partir de encontros dos licenciandos com estudantes e professores/as dos anos finais do ensino fundamental em uma escola pública parceira. Uma das reflexões centrais da disciplina era o papel da escola na formação humana integral de crianças, jovens e adultos e como a multidimensionalidade dos estudantes se configura nos *tempos espaços* do cotidiano escolar.

Além da realização de um projeto interdisciplinar no campo de estágio, o trabalho em aula tinha o objetivo de promover discussões que colaboravam para orientar o estágio e problematizavam o cotidiano escolar e nossa atuação como futuros professores. Orientados pela leitura de Barbier (2002), iniciamos esse percurso refletindo sobre a escrita do registro de estágio como um mecanismo de aproximação do estagiário ao cotidiano escolar, prática relevante para o campo de pesquisa e de formação de professores. Problematizamos o exercício da docência em meio à complexidade do trabalho pedagógico escolar, e como isso se articula à dimensão ética (RIOS, 2008) da profissão. Também relacionamos conceitos e conhecimentos das diferentes áreas de estudos dos licenciandos ao estágio vivenciado por cada um, refletindo sobre concepções e práticas de organização do trabalho pedagógico na escola. Discutimos a respeito da importância da formação humana integral nas escolas e sua relação com a dimensão da interdisciplinaridade curricular, amparados pelo artigo de Varani, Campos e Rossin (2019).

Todas as aulas na Unicamp transcorreram em formato de diálogos, pautados na leitura prévia de alguns artigos que eram relacionados às diferentes experiências de estágio e aos diferentes percursos formativos dos/as estudantes. Além disso, reservávamos, durante os encontros, um momento cultural, em que cada estudante apresentava alguma arte (poema, música, ilustração, vídeo de dança etc.) de interesse próprio, prática que tinha o intuito de compartilhar e ampliar o universo cultural dos colegas, bem como de potencializar o reconhecimento de que somos seres produtores de cultura e que por ela nos humanizamos.

Para a realização do trabalho estágio, estabelecemos parceria com uma escola da rede municipal de Campinas, onde os cinco estagiários passaram a idealizar um projeto interdisciplinar destinado aos anos finais de ensino daquela instituição. Depois de alguns encontros de orientação e de iniciado o estágio com um momento exploratório, começamos a definir o projeto de atuação, à medida que a participação de cada estagiário se materializava na realidade vivida.

Em uma aula da disciplina, Ana Luisa e Maria Júlia expuseram o interesse da professora de português acompanhada por elas em desenvolver um projeto com as estudantes, que explorasse questões de imagem corporal. Segundo ela, os estudantes da turma do 8º ano B estavam manifestando conflitos envolvendo corpo, os quais incluíam as percepções sobre o próprio corpo e o corpo dos colegas, que levavam até a ofensas.

A partir da proposição da professora, um intenso trabalho coletivo de pensar as possibilidades de estudo sobre corpo na relação com diferentes áreas foi iniciado. Como estudantes de dança, letras, biologia e ciências sociais poderiam contribuir para o projeto e como se viam nele? Enquanto estudávamos temas distintos no interior da disciplina, paralelamente investigamos as possibilidades de união das áreas no projeto. Depois de alguns encontros e algumas ideias, agendamos uma reunião com a orientadora pedagógica, momento de apresentação da proposta e definição dos passos posteriores.

Neste texto, propusemo-nos a compartilhar a experiência vivida pelas imagens que transbordam nas narrativas elaboradas e compartilhadas em nossos encontros coletivos. Para tanto iniciaremos com uma reflexão sobre registrar-se pela narrativa. Em seguida, apresentaremos a proposta construída e os aprendizados vividos. O texto compõe-se, quase que totalmente, pelas narrativas que dão vida ao movimento do estágio. Em razão dos encontros vividos ao longo da disciplina e das produções que são singulares, mas também plurais, optamos pela construção de um texto em que serão intercalados registros discursivos ora na primeira

pessoa do singular, quando reproduzidas narrativas do/as estudantes, ora na terceira pessoa do plural, quando houver leitura da experiência pelo coletivo envolvido no estágio.

Sobre narrar-se

Assumir a escrita narrativa no percurso formativo, especialmente no contexto dos estágios, é assumir que, como lembra Bakhtin (1997, p. 256): “o diálogo não é o limiar da ação mas a própria ação”. Nos constituímos pela linguagem, pela ação do dialogar, inclusive pela narrativa. Por isso, a assunção de que nos narramos. Ao narrar, nos constituímos e agimos no mundo e esse é um modo de produzi-lo e de nos produzirmos.

Tomando esta ideia como primeira, defendemos que narrar no estágio é um modo de projeção e formação de futuros docentes, especialmente à medida que esta narrativa é colocada em movimento na leitura partilhada, prática também presente em nossos encontros.

Iniciamos a disciplina discutindo acerca da importância do registro narrativo. Enquanto professores em formação, observadores e novos praticantes da prática pedagógica, os relatos se tornam uma ferramenta de observação ampliada, permitindo uma reflexão aprofundada acerca do que vemos, fazemos e pensamos. Ao longo do curso seguimos as três fases organizadas por Barbier (2002), o diário-rascunho, com anotações cotidianas e privadas; o diário elaborado, uma reorganização a partir do anterior; e o diário comentado, que é exposto para o leitor.

O diário é um gênero intimista, visto que, nele, são filtradas as informações pelo olhar de vivência do sujeito que escreve. As narrativas, nesse sentido, cumprem o mesmo papel, representando o processo de itinerância (BARBIER, 2002) ao retratar primeiras impressões, impressões intermediárias (aquelas vividas durante o período do estágio) e impressões finais. Por meio das narrativas, é possível construir como o processo de estágio foi percebido por cada um dos estagiários. Assim como compartilhamos em grupo nossos relatos pessoais, comentando e encontrando conexões entre nossas vivências, compartilhamos agora nesta escrita nossas algumas de nossas vivências coletivas desenvolvendo um projeto interdisciplinar.

Era minha segunda semana na escola e eu ainda estava tentando aprender com a dinâmica da sala. Não conhecia muito bem os alunos e tentava entendê-los até nos gestos mais simples. Nesse dia, a professora tinha pedido para os alunos se reunirem em grupos para pesquisar sobre figuras de linguagem. Ela havia nos dito que a gente poderia passear por entre os grupos para os ajudar caso eventuais dúvidas aparecessem. O frio na barriga começou ali. Era um medo de ter uma responsabilidade grande nas minhas mãos, afinal, era um trabalho para ser apresentado, então precisava estar bom, por isso mesmo minha ajuda precisaria ser boa. Será que eu seria capaz? Aquele frio na

barriga misturado com o cansaço me gerou um sentimento momentâneo de desespero. Mas a gente é professor. A gente precisa de coragem. Professor pode errar? Professor pode passar ajuda errada? E se eu não souber ajudar? E se eu não souber explicar para eles o que eram aquelas figuras de linguagem? (MARIA JÚLIA, estudante de letras).

Após diversas notícias sobre atentados em escola, começou a circular pelas redes sociais que haveriam dois massacres em escolas e universidades, dias 12 e 20 de abril. A história tem cara de fake news e os noticiários já começaram a duvidar da veracidade, mas pais, alunos, professores e estagiários (eu inclusive) estão com medo. Quando cheguei à escola no primeiro dia “escolhido” para os ataques a guarda civil estava à porta. Foi a primeira vez que precisei passar por dois portões trancados e conversar com o segurança sobre meu estágio e os dias que eu frequentava a escola; como ele não estava familiarizado comigo, assinei o caderno de entradas na escola.

Na primeira sala do dia, a turma do 9º ano, metade dos alunos não estavam presentes e a outra metade só comentava sobre o que possivelmente aconteceria. Fiquei sabendo por ouvir as fofocas deles que um dos alunos daquela sala estava suspenso por fazer ameaças através do instagram, não eram ligadas ao possível atentado mas continham conotações perigosas diante da situação em que estamos. Nessa turma estamos estudando produção teatral e cada grupo está produzindo sua própria peça; sem necessidade de orientação o grupo que tinha como um dos personagens um assassino que matava ex-colegas que cometeram bullying, começou a alterar todo seu enredo e me disse que a história “precisava ter alegria”. A alteração me chocou (e aliviou!) porque já tínhamos dito muitas vezes que esse era um tema muito delicado para se trabalhar e mesmo assim eles mantinham a ideia. Esse não foi o único grupo que partiu da ideia de um assassinato; percebo que entre os adolescentes a morte está banalizada, o tempo inteiro eles comentam sobre querer morrer e querer que alguém morra. Acredito que com os acontecimentos eles tenham percebido que não é um assunto tão simples e que, na verdade, eles não querem morrer (GABRIELA, estudante de dança).

Todas as narrativas retratadas aqui reforçam o conceito de “aula como acontecimento” (GERALDI, 2015). O estágio teve foco no desenvolvimento de um projeto de atuação em sala de aula, de modo que os acontecimentos aqui narrados foram vividos por esses professores em formação, que são, juntamente com os alunos, protagonistas dos processos escolares. Os relatos aqui expostos retratam preparos de aula, processos de subjetivação dos estagiários, percepções individuais e reflexões construídas por meio do projeto. Para Geraldi (2015, p. 101):

Um projeto de trabalho compactuado com o grupo de alunos torna-se o fulcro do planejamento global. A atividade local, oriunda do desenvolvimento do projeto, pode ser extremamente variada, garantindo desenvolvimentos das capacidades de reflexão na leitura, na escrita e na mobilização de recursos expressivos.

Maria Júlia reflete sobre o acontecimento do primeiro dia de realização do projeto, que já contava com uma aula ministrada por ela e por outra colega da área:

O primeiro dia do projeto já contava com a nossa aula. Uma aula de história e uma aula de português. Eu e Ana Luisa planejamos uma leitura coletiva e discussão do conto 'O Espelho' de Machado de Assis. As expectativas eram muitas. Eles vão entender? O texto é difícil... Nós fizemos perguntas norteadoras e a todo momento pensávamos em como seria nossa mediação. Chegou o momento. Mais um detalhe que esqueci de avisar: para a nossa aula, iríamos juntar as salas. Os dois oitavos anos. O dobro de adolescentes com hormônios e rebeldias à flor da pele. A gente conhecia o 8ºB, mas e o 8ºA? Não sabíamos como seria essa junção, mas encaramos e fizemos. Demos nossa aula de literatura depois de uma magnífica aula de história da nossa companheira de estágio sobre os padrões de beleza ao longo dos anos. Alguns com cara de dúvida, outros com cara de tédio e outros querendo participar. Todos ali tiveram sua contribuição (MARIA JÚLIA, estudante da letras).

Esse relato narra a percepção de Maria Júlia nos primeiros momentos do projeto, o que determinou algumas reflexões na continuidade do mesmo.

O nosso projeto

Quando soubemos da demanda de estudo sobre imagem corporal, apresentada pela professora de língua portuguesa, o grupo se mobilizou e passou a idealizar a proposta. Mobilizamos alguns conhecimentos iniciais: estudo de projetos interdisciplinares já realizados, como o de Amaral (2016) e estudo das diretrizes curriculares de Campinas (CAMPINAS, 2015). Apresentamos a ideia do tema para a orientadora pedagógica e ela nos orientou em relação à implementação do projeto, que foi se delimitando e se direcionando: ele seria desenvolvido nos dois oitavos anos da escola e iríamos entrar coletivamente nas diferentes aulas. As intervenções ocorreram ao longo de seis aulas, em cada uma das turmas, durante três semanas.

Partimos do princípio que o tema central do projeto deveria priorizar vivências na escola, das quais os próprios alunos estivessem cientes (NERY, 2006). O trecho seguinte revela parte do sentimento compartilhado pelos estagiários durante a elaboração do projeto:

[...] tudo o que julgávamos interessante e importante para os alunos colocamos em formato de projeto. De tanto ouvirmos que os alunos têm que ter protagonismo em sala de aula, eles assumiram o protagonismo na nossa cabeça também. Eram muitas ideias. Era pouco tempo (ANA LUIZA, estudante de letras).

De forma geral, o projeto visou colaborar para ampliação da consciência crítica dos estudantes. Definimos como objetivos do projeto: (a) discutir sobre o conceito de imagem corporal; (b) promover práticas corporais; (c) alertar acerca da influência das redes sociais na construção da imagem corporal; (d) entender as origens históricas e culturais do padrão de beleza atual; (e) reconhecer as diferenças ao longo do tempo e da cada sociedade em relação ao padrão de beleza e a influência da indústria e das redes sociais em sua disseminação; (f) compreender como as redes sociais estimulam nosso sistema nervoso; e (g) estabelecer relações entre o sistema nervoso e os algoritmos, entendendo-os;

O projeto ficou intitulado como “Nosso corpo na rede e na vida”. O contexto de vida de estudantes dos oitavos ano nos provocava, pois este é um grupo que se encontra no período da puberdade e transição da infância para adolescência, o que torna natural o surgimento de questionamentos em relação ao corpo, sexualidade etc., devido ao amadurecimento tanto fisiológico quanto psicológico dos alunos. Aliado a isto, há o contexto de uso frequente das redes sociais entre essa geração.

No campo das ciências sociais partimos os modos pelos quais a sociedade molda e influencia os comportamentos, técnicas e vivências corporais, entendendo a corporeidade humana como fenômeno social, forma de expressão cultural e simbólica, “objeto de representações e imaginários” (LE BRETON, 2007). No contexto do ensino de história, os estudantes do 8º ano estavam aprendendo sobre as revoluções industriais e sobre a grande transformação dos modos de vida, relações sociais e de produção, que mudaram a forma pela qual se trabalha, se mora, se come e se veste. Optamos por trabalhar com essa questão a partir de um ponto de vista histórico e social e oferecemos ferramentas para eles se aprofundarem, desnaturalizarem e problematizarem como os padrões variam dependendo da época, da cultura e do momento econômico de uma sociedade, sendo impulsionados pela indústria e englobando questões como o machismo e racismo.

A partir da discussão acerca dos padrões de beleza, alcançamos o conceito de imagem corporal. Imagem corporal diz respeito a percepções, pensamentos e sentimentos sobre o corpo e suas experiências, é multifacetada e constantemente modificada; é construída socialmente e influencia nosso processamento de informações, comportamento e relações interpessoais (BARROS, 2005). Na área de artes, foi proposta, pela estagiária de dança, uma prática similar ao “Siga o Mestre” (uma adaptação do “Hipnotismo”, de Boal (1982). Nessa dinâmica, em duplas ou trios os alunos “brincavam” de seguir os movimentos uns dos outros apenas olhando

para a câmera frontal de um celular, o que recriava uma relação conhecida por eles: a câmera-espelho das redes sociais, responsável por muitas informações formadoras da imagem corporal adolescente.

Abarcando conteúdos das ciências naturais, os discentes foram estimulados a refletir acerca das similaridades entre os algoritmos e suas redes de dados e o sistema nervoso e as conexões neurais, formadas durante o processamento de informações no órgão de gerenciamento dos sistemas do corpo humano, o cérebro. Isto, por sua vez, se justifica a partir da própria concepção das redes como conexões de informações e dados que se interconectam e geram novos. Além disso, sabe-se que a forma como conteúdos midiáticos da internet são focalizados para estimular os públicos de diferentes especificidades para aquilo que lhes é mostrado tem princípios nas neurociências.

E, por fim, em língua portuguesa, exploramos a questão do corpo na literatura, por meio do conto *O Espelho* de Machado de Assis⁸, que retrata a temática central do projeto (o corpo e como este é visto externamente) e problematiza o conceito de alma externa proposto pelo narrador. Além disso, os alunos, ao longo do projeto, tiveram contato com textos, vídeos e imagens, sendo desafiados a interpretar o que lhes era apresentado e a fazer relação com as discussões realizadas. Ao final, foram convidados a produzir músicas do gênero *rap* que sintetizassem os conhecimentos adquiridos.

Imagens do projeto pelas narrativas

A seguir apresentamos um conjunto de narrativas que compõe a experiência pela ótica singular de alguns estagiários e que representam o movimento ocorrido no coletivo. Elas aparecem como imagens do cotidiano, tecidas pelas palavras narradas. E optamos por deixá-las produzirem sentidos diversos nos leitores. A primeira narrativa é de Gabriel, aluno de Ciências Biológicas, intitulada “Uma sinapse entre o real e o virtual”.

Turma, precisamos de uma ideia de projeto interdisciplinar para trabalhar com a escola Dulce no Guará.

SINAPSE

Projeto de estágio, Paulo Freire, momento arte, narrativas, escolas, precarização, falta de interesse, redes sociais, internet, chat gpt, dificuldade

⁸ Conto originalmente publicado no jornal Gazeta de Notícias, em 1882. No conto, o protagonista, Jacobina, propõe uma reflexão sobre a natureza da alma humana, ao relatar aos colegas um episódio fundamental em sua vida, quando se tornou alferes.

com a turma, língua portuguesa, história, arte, biologia, ideias e mais ideias...

SINAPSE

Os alunos estão com bastante questões com relação ao corpo”, disse uma das alunas.

SINAPSE

Tema do projeto definido. Como encaixar biologia nisso? Corpo... Corpo... Sexualidade, gênero, padrões de beleza, hummm... melhor não!

SINAPSE

‘O corpo tem bastante relação com como as redes sociais mostram isso’, pensamos.

SINAPSE

É isso! Redes sociais... Algoritmos...

SINAPSE

Algoritmos tem tudo a ver com neurônio... as redes, as conexões, o cérebro, neurociências.

SINAPSE

Tema definido, agora, o que fazer?

Ao me deparar com esse tema na preparação de uma das aulas do projeto interdisciplinar para alunos do 8º ano da EMEF Dulce Bento Nascimento, travei. Passei dias angustiada, ansiosa, o sistema límbico em meu giro do cíngulo cerebral estava já acostumado a compreender e emitir minhas emoções a partir dessa preocupação.

SINAPSE

Comecei a pesquisar, e, por sorte, o tema até já estava bem estabelecido. O primeiro algoritmo criado para hoje ser base de todas as redes sociais e suas conexões diversas havia sido uma cópia de um neurônio. Fascinante, o PERCEPTRON!

SINAPSE

Córtex pré-frontal - hipotálamo - córtex motor - cerebelo - neurônios - dendritos - corpo celular - axônio - terminações axônicas - neurotransmissores - PERCEPTRON - rede neural artificial - algoritmos - comandos - redes – internet.

O caminho estava dado. Elaborei uma aula passando pelo cérebro até chegar na concepção do mecanismo primordial para as atuais redes sociais: o algoritmo. Admito aqui que todos os dias angustiados poderiam ter sido sanados se tivesse feito tudo muito antes, afinal, este caminho de conexão entre o cérebro e a internet já é estabelecido à muito tempo.

SINAPSE

Aula pronta. Mas, e agora? Como chegar numa escola que não tenho afinidade, com alunos desconhecidos, fingir que sei muito sobre algoritmos e ainda ensinar algo de fato?

SINAPSE

Comecei a aula, passei os slides, expliquei e as turmas, em seus respectivos momentos, interagiram, prestaram atenção, ficaram curiosas, comentaram, todo o receio daquela atividade se dissipou ao longo daquela tarde, fria e chuvosa, mas que me foi bastante intensa e quente no tal sistema límbico que tanto falei. Agora, ao invés de ansiedade, esse meu sistema trazia apenas emoções satisfatórias, fui bastante feliz dando essa aula da qual considero uma das mais criativas que já preparei devido a interação de dois temas interessantes.

Após muita interação, participação de fato ativa dos estudantes e uma conversa bem bacana sobre o papel dos algoritmos em estabelecer e reforçar padrões na sociedade, encerramos as atividades com uma dinâmica de teia,

onde cada estudante falava um tema que viu na internet e lançava o barbante para um colega, assim formando uma grande teia de temas virtuais, tal como num algoritmo, onde tudo está conectado.

Por fim, a experiência que me causou angústia inicialmente foi bastante interessante, me trouxe sensações diversas e experiências bacanas para meu aprendizado como licenciado, em especial a de conhecer turmas e lidar com elas do zero, mesmo que por um só dia.

A narrativa a seguir é de Fernanda, estudante do curso de ciências sociais, que estagiou na disciplina de história no ensino fundamental, pois não há disciplina de sociologia neste nível de ensino.

Quando a professora nos contou que tinha como proposta para o estágio que os alunos realizassem um projeto interdisciplinar, fiquei ansiosa, para o bem e para o mal. Queria muito saber como era dar aula para alunos do fundamental, visto que só tinha estagiado em turmas de ensino médio, mas também fiquei com receio sobre como seria a dinâmica, se eles se engajariam ou se não teriam muito interesse no que eu iria falar.

Como decidimos que o tema seria sobre corpo e padrão de beleza fiquei animada, pois é um tema que me interessa muito, inclusive já conhecia a maioria dos livros que peguei para montar a aula, mas sempre deixava para ler depois. Entretanto, quanto mais eu lia, mais eu achava que não conhecia nada do tema e que não ia conseguir passar nada de significativo para eles. Então eu fui de “História da beleza”, para “História da Beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje”, mas apesar de super interessantes, eram muito focados no ocidente; peguei “História da beleza no Brasil”, com as singularidades do caso brasileiro, mas faltava elementos como encontrados no livro “Beleza negra: representações sobre o cabelo, o corpo e a identidade das mulheres negras”; procurei outros, que falassem sobre o Japão, a China, a África... Fiquei perdida! Era só uma aula de 50 minutos e eu estava pensando em montar que tipo de apresentação?

Comecei a pesquisar planos de aula de outros professores, para me dar um norte e saber como conversar com os alunos “direito”. Encontrei dois planos muito bons, e voltados para o ensino fundamental (ufa!) que me ajudaram a montar o esqueleto da apresentação. Passei um bom tempo procurando as imagens, as notícias, pensando nos vídeos e no tempo... Não acreditei no quanto deu trabalho, e quando chegou na hora de apresentar parece que nem consegui falar ou mostrar o que eu queria, ou que eu acho que seria interessante que eles soubessem.

Então fiquei pensando nisso, e em como apresentar a aula em si, com as duas turmas juntas ainda por cima, foi um desafio, porque tiveram momentos em que achei que não ia dar certo, porque eu olhava para aquele montão de rosto e pensava “Será que eles estão entendendo? Será que eles estão prestando atenção? Será que está fazendo sentido para que possam prestar atenção?”, mas com o andamento da aula parece que as coisas foram se ajustando. (...) falando da apresentação em si, gostei de como eles se expressaram quando viram as fotos dos estilos populares de roupas dos jovens atualmente, pois houve identificação, rejeição, aprovação... A recepção deles foi muito boa, não sei como exigir deles que não fossem barulhentos e entusiasmados em uma turma tão cheia quanto naquele dia (e com uma professora tão nervosa também).

Ana Luisa é estudante do curso de letras e nos lembra da individualidade presente nas aulas.

O acontecimento que mais me marcou (e, na verdade, nem foi apenas um, mas a soma de alguns) tem a ver com a participação dos alunos em cada um dos momentos do projeto e a interação com cada um de nós professores. Esse acontecimento foi a participação de um aluno específico durante a penúltima aula, que durou poucos segundos, apenas um comentário, mas representou algo muito importante. Esse aluno é daqueles que desafiam o professor, frequentemente se mostra desinteressado e até o momento em questão não havia participado das aulas nem das dinâmicas realizadas no projeto. Durante todo o tempo de estágio, foram raras as vezes em que ele havia participado ou demonstrado interesse pelas aulas, ou que não tivesse confrontado a professora. Mas quando o Gabriel, durante sua aula, fez uma pergunta para a turma a respeito da semelhança entre o primeiro algoritmo e um neurônio, ninguém soube apontar exatamente o que ele direcionava no questionamento. Foi então que esse aluno desinteressado e pouco participativo surgiu com a resposta em um breve e certo comentário. E isso já foi o suficiente para surpreender a nós que já conhecíamos seu comportamento padrão. Não bastasse esse momento, ele ainda seguiu atento à aula, como nunca tínhamos observado. E não apenas ele, mas também a maioria dos alunos.

Assim, este relato nos introduz para as nuances observadas da relação dos alunos com o projeto que foram essenciais no desenvolvimento do mesmo.

Reflexões sobre o vivido

Finalizamos com algumas lições esta construção da experiência vivida no estágio de licenciatura pelas imagens que transbordam nas narrativas escritas. Afinal, como lembram Lima, Geraldi e Geraldi (2015, p. 33), a partir das experiências do vivido há o “conhecimento singular que corresponde à verdade que não se generaliza, mas da qual se extraem conselhos ou lições”.

Uma das reflexões sobre o vivido traz à tona uma discussão sobre a dimensão ética da docência:

Durante a preparação da aula, pensei muito no meu papel ético enquanto professora, em como montar - mesmo que apenas uma, e de quarenta e cinco minutos - uma aula que apresentasse algo de significativo, que fosse reflexiva, que apresentasse questões desconhecidas a eles, mas que também se conectasse aos saberes e vivências que eles já possuíam, de modo a articular o

aprendizado que poderíamos construir durante aquele breve momento (FERNANDA, estudante de ciências sociais).

A realização do projeto também nos permitiu reconhecer que a aula é feita junto com os alunos e junto com outros professores. Não se trata nem de igualar os papéis e nem de estabelecer hierarquias, mas de entender que é “na diferença e na reciprocidade de papéis que vai se constituindo o evento que se chama aula” (RIOS, 2008, p. 4). É sobre essa relação que o trecho a seguir reflete:

Como planejei minha aula como uma aula expositiva, de modo a apresentar aos alunos questões e cenários históricos e sociais desconhecidos por eles, acabei focando no que eu achava interessante que eles soubessem, mesmo que esperando a participação deles e instigando com perguntas, vídeos e imagens que se aproximassem de sua vivência (FERNANDA, estudante de ciências sociais)

Em outra narrativa há a relevância da colaboração, não somente entre professor e aluno, mas entre professores, neste caso, os que estão em formação e desenvolveram este projeto:

O que mais me trouxe satisfação nisso tudo foi a oportunidade de dividir o projeto e as aulas com meus colegas de estágio. Não são a maioria das vezes em que esse trabalho colaborativo entre professores acontece na escola, geralmente observa-se um professor sozinho com sua turma. Compartilhar esses momentos com outros professores em formação, assim como eu, foi uma experiência maravilhosa, que fez com que eu me sentisse mais confiante e suportada, além de ter aprendido muito com os meus colegas, observando-os em cena (ANA LUISA, estudante de letras).

Em situações como a do projeto, quando estamos ainda no processo de nos formar enquanto professores, refletimos sobre os desafios da prática docente, como a necessidade de descontinuar práticas de ensino em que o professor seria o único com acesso ao conhecimento, ou à herança cultural, como colocado por Geraldi (2015). Nesse sentido, o que o autor propõe é que ocorra uma mudança para um momento de ensino-aprendizagem em que se enriqueça o que se tem considerado como herança cultural válida, de modo a “reencontrar o vivido para nele desvelar o saber auxiliado pelos conhecimentos disponíveis na herança cultural” (GERALDI, 2015, p. 95). Assim, o papel do professor seria não o de detentor de respostas que já estão estabelecidas de antemão por essa herança cultural, mas o do indivíduo que é capaz de considerar o seu vivido e perceber o aluno como alguém que também possui experiências e singularidades, de modo a transformarem esse vivido que cada um possui em perguntas e aprendizagem. Ao propormos essa mudança no ensino, não teremos respostas simples e fáceis,

pois teremos de ultrapassar o senso comum, buscando, não sozinhos, mas auxiliados por outros professores e profissionais – ou seja, ultrapassando as fronteiras das disciplinas e buscando outras fontes e misturando saberes –, os esclarecimentos disponíveis para podermos organizar com os alunos as perguntas suscitadas e o caminho a ser percorrido para a formulação de respostas.

Por fim, nosso projeto interdisciplinar foi uma tentativa de “inverter a flecha”, como coloca Geraldi (2015), visto que envolvemos as disciplinas de história (e ciências sociais), artes (dança), língua portuguesa e biologia, pensando em diferentes meios de discutir o corpo e o padrão de beleza, com diferentes métodos de aula, que não foram excludentes, não pensando apenas no que seria interessante sobre padrão de beleza para a história, para a biologia etc., mas articulando as diferentes vivências na sociedade.

Referências

- AMARAL, Mateus Henrique. **Relatório**: estágio supervisionado. Piracicaba: Faculdade de Ciências Humanas. Universidade Metodista de Piracicaba, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. P. Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Trad. L. Didio. Brasília: Liber Livro, 2002.
- BARROS, Daniela Dias. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. **SciELO**, v. 12, n. 2, p. 547-554, maio-ago. 2005.
- BOAL, Augusto. **2º exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. 4. ed. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1982.
- CAMPINAS. Secretaria Municipal de Educação. Departamento Pedagógico. Assessoria de Currículo. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica para o Ensino Fundamental – anos finais**: um processo contínuo de reflexão e ação. 2. ed. Campinas: Prefeitura Municipal de Campinas, 2015
- GERALDI, João. Wanderley. **A aula como acontecimento**. Jundiaí: Pedro & João Editores, 2015.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 31, n. 01, p. 17-44, jan./mar. 2015.
- NERY, Eliana. **Alfabetização e letramento**: uma perspectiva sociocultural. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- RIOS, Terezinha. A dimensão ética da aula ou o que nós fazemos com eles. *In*: VEIGA, I. P. A. (org.). **Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas**. Campinas: Papirus, 2008, p. 73-93.

VARANI, Adriana. CAMPOS, Cristina Maria; ROSSIN, Elizabeth. A formação humana integra a educação integral? O que as práticas pedagógicas têm a nos dizer. **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, n. 149, p. 1-24, 2019. DOI:10.1590/198053143553.

Sobre o autor e as autoras

Gabriel Silva: graduando no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (Universidade Estadual de Campinas). Foi bolsista monitor no Museu Exploratório de Ciências da Unicamp e atualmente é bolsista CAPES do projeto PIBID. É Representante Discente da Congregação do Instituto de Biologia e já ocupou mesma função na Comissão de Graduação do Instituto.

E-mail: g249321@dac.unicamp.br

Ana Luisa Amorim: graduanda em Letras (Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas).

E-mail: a165118@dac.unicamp.br

Fernanda Toledo: graduada em Ciências Sociais (Universidade Estadual de Campinas).

E-mail: toledofer99@gmail.com

Gabriela Custel: graduanda em dança (Instituto de Artes - Universidade Estadual de Campinas).

E-mail: gabriela_custel@hotmail.com

Maria Júlia Brito: graduanda em Letras (Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas).

E-mail: mara-julia@hotmail.com

Ana Cláudia da Rocha Mucci: graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), tem Mestrado em Fundamentos da Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Doutoranda em Educação pelo LOED/ UNICAMP. É professora de Educação Infantil e atualmente Supervisora Educacional na Rede Municipal de Educação de Campinas.

E-mail: anacmucci@gmail.com

Adriana Varani: pedagoga, mestre e doutora em educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP. Pós doutora em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professora do Departamento de Ensino e Práticas Culturais (DEPRAC) e do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), ambos da FE/UNICAMP. Membro do grupo de pesquisa LOED e coordenadora do Grupo de Estudos Cotidiano Escolar, Práticas Pedagógicas e Formação (GRECOTIDIANO). Participa da Rede FORMAD (Formação Docente, Narrativas e Experiências) e Rede ComViver.

E-mail: avarani@unicamp.br

Recebido em: 06 nov. 2023

Aprovado em: 29 jan. 2024